

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-01-30

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Almeida, E. C. (2022). O desassossego militante (in)evidente dos filhos da paz em ANGOLA. In Luiza Nascimento dos Reis e Luca Bussotti (Ed.), *Paz, direitos e novas redes: III Conferência Internacional Ativismos em África*. (pp. 77-88). Recife: Editora UFPE.

Further information on publisher's website:

<https://editora.ufpe.br/books/catalog/series/BrasileAfrica>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Almeida, E. C. (2022). O desassossego militante (in)evidente dos filhos da paz em ANGOLA. In Luiza Nascimento dos Reis e Luca Bussotti (Ed.), *Paz, direitos e novas redes: III Conferência Internacional Ativismos em África*. (pp. 77-88). Recife: Editora UFPE.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

O desassossego militante (in)evidente dos filhos da Paz em Angola  
**(The (un)evident militant restlessness of the sons of peace in Angola)**

Eugénio Costa Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:**

Desde o fim da guerra fratricida, em 4 de abril de 2002, que a República de Angola e os dois mandatos presidenciais subsequentes, têm procurado desenvolver economicamente e socialmente o país. Todavia, problemas de Direitos Humanos são descuidados. Destes ressaltam-se as crises sociopolíticas, com manifestações de jovens revolucionários, os Revús, e a exploração e tráfico de crianças. Assuntos que serão abordados neste texto.

**Palavras-chave:** Angola, Revús, Crianças desprotegidas.

**Abstract:**

Since the end of the fratricidal war, on April 4, 2002, the Republic of Angola and the two subsequent presidential mandates, have sought to develop the country economically and socially. However, human rights issues are overlooked. Of these, sociopolitical crises stand out, with demonstrations by young revolutionaries, the Revús, and the exploitation and trafficking of children. Subjects that will be covered in this text.

**Keywords:** Angola, Revús, Unprotected children.

---

<sup>1</sup> Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal.

<sup>2</sup> Investigador Doutorado Integrado do Centro Estudos Internacionais do ISCTE-IUL (CEI-IUL);

<sup>3</sup> Investigador associado do Centro de Investigação Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar, Academia Militar, Instituto Universitário Militar, Rua Gomes Freire, 1169-203, Lisboa, Portugal;

<sup>4</sup> Doutorado em Ciências Sociais, especialidade de Relações Internacionais, (pelo ISCSP-UTL).

<sup>a</sup>. email: [eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt](mailto:eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt) e [elcalmeida@gmail.com](mailto:elcalmeida@gmail.com)

## 1. Introdução

Os movimentos sociais no Continente Africano, nomeadamente no período pós-monopartidarismo e no subsequente período de neoliberalismo democrático africano, em particular nestes dois últimos decénios, têm sido caracterizados por um Ativismo Social e Político acentuado. O caso de Angola, foi – é – um dos mais paradigmáticos.

Apesar das alterações que o neoliberalismo pró-democrático procura fortificar na maioria dos países Africanos – e é só estes que estamos a abordar –, em Angola, estas não foram devidamente acompanhadas no que refere às transformações políticas e, ou, mais concretamente, no que tange à alternância política no Poder, em parte devido à crise político-militar fratricida entre Angolanos que durou até abril de 2002.

Naturalmente que essa manutenção do Poder de uma classe dirigente política, agregada a um mesmo grupo político imperante e imobilista, no caso o Partido MPLA, tem levado ao aparecimento de grupos pessoais de ativistas de contestação, a grande maioria com elevada formação académica e que bebe algumas das “suas neo-teorias sociais” tanto em textos de intervenção de filósofos e teorizadores euro-norte-americanos, como Edward Blyden, um antilhano considerado como o Pai do Pan-Africanismo – apesar de Henry Sylvester-Williams e William Edward Du Bois, serem, habitualmente, definidos como os iniciadores do Pan-Africanismo –, e nas novas teorias filosóficas africanas assentes nos principais pensadores e na doutrina filohistórica Africana, entre os quais destaco os senegaleses Léopold Senghor (1906-2001) e Cheikh Anta Diop (1923-1986), o ganês Kwame Nkrumah (1909 – Bucareste 1972), o missionário belga, no Congo, Placide Temples (*A Filosofia Bantu*, 1959), o queniano Henry Odera Orika (1944-1995) ou o franco-brasileiro Abdias do Nascimento (1914-2011), bem como em novos Africanos pan-africanistas, de que ressalvo o nigeriano Wole Soyinka (1934-), o burquinês Joseph Ki-Zerbo (1922-2006), os congolese-democráticos Elikia M'Bokolo (1944-) e Théophile J. Obenga (1936-), os costa-marfinenses ou ivoirenses Haris Memel-Foté (1930-2008) e Christophe Wondji (1937 – Paris, 2015), ou uma das responsáveis da página «*Culture & médias*» do Jeune Afrique, Séverine Kodjo-Grandvaux, o padre anglicano queniano John Mbiti

(1931 – Suíça 2019), considerado o “*o pai da teologia africana moderna*”, o gabonês Grégoire Biyogo (1959-), ou o ugandês Okot p’Bitek (1931-1982), entre outros, aliados a pensadores não-africanos como o britânico Bertrand Russel, os franceses Jean Paul Sarte e Michel Foucault, o italiano Nicola Abbagnano e a brasileira Marilena de Souza Chaui.

Os novos pensadores africanos – a maioria filósofos e historiadores – têm feito germinar nas novas gerações africanas grupos de intervenção ativa africana (nacionais e transnacionais) visando mudanças qualitativas na cena política Africana. E, especialmente, no palco político e social angolano, o fator base do tema, alguns desses grupos foram, a dada altura da cena política nacional, denominados *Revús* (Movimento Revolucionário Angolano). (REVÚS, 2021).

## **2. O impacto sociopolítico da Paz de 2002**

A Paz de 2002 – assinada em Luena, província de Moxico, a 4 de Abril de 2002, denomina-se *Memorando de Entendimento Complementar ao Protocolo de Lusaka para a Cessação de Hostilidades e Resolução das demais Questões Militares Pendentes nos Termos do protocolo de Lusaka*, ou Memorando e Entendimento de Luena ou Memorando de Paz de Luena –, para além da natural paz militar e de uma estabilidade sociopolítica que se esperava provável, trouxe igualmente aos filhos de Angola a expectante imagem de um futuro desenvolvimento económico e social que a grande maioria dos jovens nunca tinha tido a oportunidade de deter.

Com o decorrer dos anos, porém, a emergência e o fortalecimento de uma contínua classe política assente num decrépito pilar económico instável – suportado por uma economia mono ou duo produtiva (petróleo e diamantes), com as oscilações que o mercado mundial consumidor determina –, ajustada a uma persistente corrupção político-económica endémica, parece ter impedido – e continua a parecer estar – que o aspirado desenvolvimento social, assente numa política económica justa, se tornasse um fato real.

Nem mesmo as iniciativas políticas e económicas do Presidente João Lourenço no sentido de combater o imobilismo, a corrupção, o usufruto indevido de capitais por

parte de terceiros, parecem conseguir consolidar-se, já que esbarram em setores obscuros potencialmente afirmados e solidificados. Só uma parte dos capitais indevida e irregularmente remetidos ou mantidos para e no exterior regressaram ao País (ALMEIDA, 2020).

A geração angolana do pós-guerra, apesar de alguns ainda terem nascido durante a guerra-civil, mais letrada e intelectualmente mais desenvolvida que a maioria dos seus antecessores (CAVELA, 2017), tem dificuldades em aceitar esse *status quo* vigente – em parte, devido a eventuais menos corretas atitudes em períodos eleitorais, ou a uma inoperância efetiva dos partidos opositores em se afirmarem com condições de provocar uma alteração de políticas internas do Partido MPLA, ou de conseguir a alternância no Poder –; por esse fato, essa nova geração manifesta-se exigindo mais políticas abertas, mais desenvolvimento social, mais emprego, mais respeito pela vida humana, políticas mais solidárias ambientalmente; em resumo, deseja uma estabilidade econômica e social alicerçada no total cumprimento dos principais anseios da defesa integral de todos os Direitos Humanos.

Isso tem ocorrido nos últimos 10 anos, quer através de manifestações políticas e culturais, quer através de atividades de defesa e recuperação ambiental.

Para isso, muito tem contribuído a participação ativa e vigorosa de muitos jovens, em geral, mas também de homens e mulheres angolanas que não desejam ficar estagnados nos cânones partidários de uma ortodoxia semi-inerte, talvez motivada pela incapacidade da Oposição em fazer frente ao Poder instituído.

Mas não é só a nível sociopolítico que a Paz não trouxe mais desenvolvimento social. A pobreza econômica torna Angola um dos países Africanos onde o número de pobres é elevado. E isso se reflete nas crianças da Paz, seja desde 2002, seja desde a independência de 11 de novembro de 1975.

Se antes, por causa da guerra-civil entre as FAPLA (MPLA)<sup>2</sup> e as FALA (UNITA)<sup>3</sup>, as crianças fugidas das zonas de guerra pululavam nas grandes cidades

---

<sup>2</sup> FAPLA – Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, as milícias do MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola.

<sup>3</sup> FALA – Forças Armadas de Libertação de Angola, as milícias da UNITA, União Nacional para a Independência Total de Angola.

como “crianças de rua”, a Paz de 2002 parece não ter conseguido retirar das páginas sociais e de órgãos de informação essa triste visão de “crianças de rua” aliada à mortalidade infantil e deficiência de ensino geral (TRÁFICO, 2021).

Sintetizemos esses dois dilemas que provocam um natural desassossego militante (in)evidente dos filhos da Paz em Angola. Evidente por parte da preocupação militante dos jovens ativistas, e inevidente ou pouco explícita pela situação das crianças angolanas.

### **3. O Movimento Revolucionário Angolano, os *Revús***

Uma parte da atividade da nova jovem *elite* Angolana na contestação do *status quo*, deve-se à manutenção do Poder por parte do Partido MPLA desde a independência, aliada à manutenção por cerca de 38 anos da presidência de José Eduardo dos Santos<sup>4</sup>, bem como ao não desenvolvimento econômico, financeiro e sanitário para os quais a Paz previa criar as condições junto aos Angolanos.

A contestação teve seu ponto de partida com uma manifestação de ativistas em 2011, rapidamente mitigada pela pronta repressão policial, mas que não impediu que se fosse cimentando com a emergência de jovens acadêmicos (DALA, 2016) e, ou, politicamente mais letrados e defensores dos Direitos Humanos (CAVELA, 2017). O apogeu deu-se com a detenção de 17 jovens que, segundo as autoridades, estariam a preparar “*um golpe de Estado contra o Governo do MPLA de José Eduardo dos Santos*”, conforme foram acusados, em abril de 2016, pelo Tribunal Provincial de

---

<sup>4</sup> Mesmo apesar de ter sido considerado por uma larga franja política e social como o Arquitecto da Paz, devido ao fato de ter conseguido colocar os antigos inimigos no espaço político nacional, nas áreas académicas, económicas e financeiras, de ter permitido a integração dos guerrilheiros da UNITA/FALA nas FAA – ainda que isso estivesse previsto nos acordos de 1990, com a criação das Forças Armadas de Angola, em 1991 e que integrava os milicianos das FAPLA e das FALA bem como outros grupos milicianos ainda dispersos, alguns do antigo ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola – FNLA) (Bernardino, 2019; Sebastião, 2015; Issuso, 2021).

Luanda (REVÚS, 2021)<sup>5</sup>. Antes de passarem a ser reconhecidos por *Revús*, eles eram os 15+2<sup>6</sup>.

Na realidade, os jovens *Revús* do Movimento Revolucionário Angolano (MRA) foram detidos em junho de 2015, quando estavam a discutir o livro de Gene Sharp “*From Dictatorship to Democracy*” (D'ANGOLA, 2016).

Na mesma altura que, em Luanda, os *Revús* estavam a ser condenados a penas de prisão, em Benguela, alguns jovens do MRA, que tinham sido detidos quando se preparavam para manifestar apoio aos jovens de Luanda e contra a sua detenção, eram libertados (D'ANGOLA, 2016). Parecia começar a haver duas medidas diferentes quanto à leitura da existência e do impacto dos *Revús* na sociedade Angolana.

Até porque, mais tarde e ainda no decorrer do julgamento dos 15+2, o Ministério Público Angolano alterou a acusação, deixando cair a queixa de “*organização de um golpe de Estado para derrubar o Presidente José Eduardo dos Santos*”, alterando-a para “*associação de malfeitores*”, cuja moldura penal seria mais severa do que a prevista para o crime de organização de um golpe de Estado (REVÚS, 2021).

Naturalmente o apoio que os *Revús* começaram a granjear, tanto interna como externamente, levou a algumas alterações nas políticas do Poder, como a decisão do Tribunal Supremo que ordenou a libertação dos 15+2 e a sua colocação sob regime de prisão domiciliária.

Essa perseguição aos ativistas dos Direitos Humanos, e aos *Revús*, aliada a uma menor liberdade de imprensa, detenções arbitrárias, julgamentos injustos, intimidação, assédio e vigilância sobre personalidades políticas independentes, traduzidos no relatório da *Human Right Watch*, de 2016 (HRW, 2016), levou a alterações nas políticas internas do País, que se consubstanciaram na alteração das cúpulas do Partido MPLA e se tornaram evidentes nas eleições de 2017.

---

<sup>5</sup>Esse processo pode ser lido, sumariamente, em *FrontLine Defenders*. Disponível em: <https://www.frontlinedefenders.org/pt/case/case-history-angola-15>. Acesso em: 4 abr. 2022

<sup>6</sup> De início os acusados era 15 jovens –13 do MRA, um militar e um escritor – que estavam a ler uma obra “maldita”; mais tarde o Ministério Público Angolano adicionou mais duas jovens raparigas ao processo (ISSUFO, 2015).

Ainda assim, continuam a haver jovens que persistem na contestação das políticas do partido maioritário, justificada pelas deficiências quanto à liberdade de imprensa e a não garantia de muitos direitos elementares dentro dos Direitos Humanos, como saneamento básico, melhor habitação, diminuição do desemprego – principalmente junto aos jovens, em particular os mais letrados e tecnicamente melhor preparados para ajudar a desenvolver o país –, mais proteção e melhor apetrechamento do aparelho escolar das crianças.

#### 4. As crianças, a frente menos visível das melhorias da Paz

Se os *Revús* são a parte visível e evidente do desassossego dos filhos da Paz, as crianças são, em contrapartida, a parte menos visível, mas nem por isso, menos forte, da preocupação dos atores políticos e sociais de Angola.

Se uma das necessidades humanas é ter capacidade para pensar e discutir livremente as suas ideias, é ainda maior a necessidade de um país em dar todas as mínimas condições elementares humanas, psicológicas e técnicas para que as suas crianças nasçam, cresçam e se desenvolvam com todas essas necessidades satisfeitas.

Infelizmente não é assim.

A mortalidade infantil em Angola, até os 5 anos, é uma das mais elevadas do mundo, ainda que se aponte uma forte redução da média que em 2011 era de 115 a cada mil nascimentos e em 2016 caiu para 44, o relatório da UNICEF, de 2017, contrariando esse dado, afirma que Angola registou 83 mortes/1000 nascimentos, em 2016 (DN, 2017; MORTALIDADE, 2016).

Ainda que haja previsões de organismos internacionais apontando, para 2018, uma taxa a rondar 65,8 mortes/1.000 nascimentos, a maioria entre os rapazes (71,4 mortes/1.000 nascimentos, contra 60,1 mortes/1.000 nascimentos, das raparigas), a maior parte dos estudos aponta para uma subida da taxa de mortalidade infantil até aos 5 anos. Esse recrudescimento da mortalidade infantil é reafirmado no recente relatório do Programa Africano de Futuros e Inovação do Instituto de Estudos e Segurança (ISS, em inglês) da África do Sul “*O Caminho Atual: Angola Rumo ao ano*

**Comentado [R.S.R1]:** Essa referência não está nas referências finais. Nas referências tem uma que está como DM (2017) talvez seja essa, mas vale pedir para o autor confirmar.

**Comentado [EA2R1]:** Confirmo o lapso; é DN, 2017 (não DM, 2017) e não como estava colocado. Rectificado!

2050", que aponta preocupantes taxas entre 47 mortes/1000 nados, em 2035, e cerca de 31 mortes por cada 1000 nascimentos, em 2050 (TAXA, 2019).

E não são só as deficientes condições sanitárias e médicas, já muito criticadas ao longo dos anos, que têm impacto na elevada taxa de mortalidade infantil. As organizações internacionais de saúde, de desenvolvimento e infantojuvenis (OMS, PNUD, UNICEF) preveem que a pandemia do SARS-CoV-2 (Covid-19) tenha um enorme impacto no crescimento da taxa de mortalidade infantil. Segundo um relatório da *Chatam House* para África, dos países afro-lusófonos Angola será onde esse impacto mais se fará sentir, em particular por causa do crescimento de doenças como diarreia (perspectiva de um aumento de +4%), malária (+5,4%) e infeções respiratórias (+4%) (CORONAVÍRUS, 2021).

Ou seja, um país nessas condições não pode se desenvolver.

E aqueles que conseguem sobreviver à passagem dos 5 anos, acabam por ter dificuldades em medrar e fortalecer suas capacidades, como se nota nas dificuldades por que passam muitas crianças angolanas em aceder ao ensino básico, ter acesso a bibliotecas escolares e aos mais elementares meios de apoio escolar, como carteiras – ainda há crianças a estudar sobre copas de árvores, ao relento (se bem que começa a haver por parte das autoridades centrais e provinciais alguma preocupação em erguer escolas com algumas condições básicas), a fazer longas caminhadas até às zonas de estudo, estudar à noite, sob velas etc.

Algumas escolas começam a ter acesso a bibliotecas escolares devido a infatigáveis e frutuosa apoios individuais de pessoas como o nacionalista Rui Filipe Ramos e a advogada Sandra Poulson que têm providenciado equipamentos para essas bibliotecas e ofertas de algum material básico para essas escolas.

São fatos e atitudes que procuram fazer diminuir o índice de analfabetismo que, ainda que há uns anos o então Ministro da Educação, Pinda Simão, reconhecesse, em 2015, que o índice de analfabetismo teria caído cerca de 68%, desde a independência, nas áreas urbanas, a realidade mostra-nos que nas áreas rurais esse índice mantém-se elevado, como reconhece o Instituto Nacional da Criança (INAC) de Angola (MAIS, 2015).

Um trabalho, uma ação, que deveria ser da inteira responsabilidade do Ministério da Educação e das autoridades locais angolanas.

Mas não é só na educação que as crianças angolanas sofrem da falta de apoios sociais oficiais. Uns vivem nas ruas ao total abandono dos apoios oficiais. São as “*Crianças de Rua*” que sobrevivem de tudo a que conseguem aceder e sujeitos às arbitrariedades da vida. Segundo um relatório do Departamento de Estado norte-americano, de 2021, sobre o tráfico humano, Angola está entre os mais (mal) visados, ainda que no referido relatório seja sublinhado que “*está a fazer esforços significativos nesse sentido*” (ANGOLA, 2021).

Segundo esse relatório, os jovens de 12 anos são usados “*em trabalhos forçados no fabrico de tijolos, no serviço doméstico, construção, agricultura, pescas e exploração artesanal de diamantes e outros sectores de mineração*”, enquanto as raparigas angolanas “*com 13 anos são vítimas de tráfico sexual e trabalho doméstico em casas particulares*”. O relatório refere, ainda, que “*Adultos angolanos usam crianças menores de 12 anos em actividades criminosas forçadas, porque as crianças não podem ser processadas judicialmente*” (EUA, 2021).

Apesar de alguma intensa campanha judiciária junto dos exploradores e dos traficantes de crianças (SASEMBELE, 2019), a situação continua preocupante, principalmente junto de crianças, a grande maioria raparigas até os 14 anos (AGÊNCIA, 2021). As autoridades angolanas têm de ser mais ativas no combate a essa situação.

## **5. Conclusão**

Angola, que tem todas as condições para ser um dos países mais ricos e desenvolvidos de África, mostra enormes debilidades em termos dos mais elementares direitos, como os de Direitos Humanos, das liberdades cívicas, intelectuais e de imprensa, que geraram o aparecimento de movimentos de jovens pelas liberdades e pelos Direitos Humanos, reconhecidos por *Revús*, que, sublinhe-se, incorporam jovens intelectuais que viveram sob a *umbrella* do aparelho do Estado (SAMPAIO, 2015). Reconheça-se, todavia, que nos últimos 4 anos começa a haver

um maior desenvolvimento nesse sentido, mas que muitos temem que com a aproximação das eleições gerais de 2022 e pelo facto de ainda persistir alguns ressentimentos cívicos, as liberdades individuais e algumas coletivas possam regredir.

No que diz respeito às crianças, o impacto é ainda mais preocupante. Falta de apoio sanitário, social e educacional, bem como alguma exploração por parte de quem as devia proteger, os adultos, mostra o muito que há por fazer. E as condições económicas que o país atualmente apresenta não fazem prever significativas melhorias.

Daí que preveja que irá continuar a perdurar um desassossego militante evidente e efetivo dos filhos da Paz, em Angola.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA Lusa. *Angola registou no último ano mais de 4.200 casos de violações sexuais de menores*. *Observador*, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://observador.pt/2021/06/17/angola-registou-no-ultimo-ano-mais-de-4-200-casos-de-violacoes-sexuais-de-menores>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ALMEIDA, Eugénio Costa. *Esperava mais, mas, sou optimista...* *Novo Jornal*, n. 661, p. 25, nov. 2020.

ANGOLA e Guiné-Bissau entre países com pior taxa de mortalidade infantil. *Diário de Notícias* [online], 20 out. 2017. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/angola-e-guine-bissau-entre-paises-com-pior-taxa-de-mortalidade-infantil-8858433.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ATIVISTAS de Angola 15+2. *DW-Deutsche Welle*, 11 set. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/ativistas-de-angola-152/t-37979505>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BERNARDINO, Luís Brás. *As Forças Armadas de Angolanas: Contributos para a Edificação do Estado*. Lisboa: Mercado das Letras, 2019.

BARBOSA, Muryatan Santana. Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica. *África Revista do Centro de Estudos Africanos*, v. 31-32, p. 135-155, 2011/2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/download/115352/113006/210575>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BLANES, Ruy Llera. A Febre do Arquivo. O “efeito Benjamin” e as revoluções angolanas. *Práticas da História*, n. 3. p. 71-92, 2016. Disponível em: <https://praticasdahistoria.pt/article/download/23073/17134/88646>. Acesso em: 11 abr. 2022.

CAVELA, Manuel Zangado. *Participação e ativismo político nos estudantes angolanos do Ensino Superior*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2017.

CORONAVÍRUS: Covid-19. Mortalidade indireta em África ultrapassará mortes da pandemia. *Expresso*, 11 mar. 2021. Disponível em: <https://expresso.pt/coronavirus/2021-03-11-Covid-19.-Mortalidade-indireta-em-Africa-ultrapassara-mortes-da-pandemia>. Acesso em: 11 abr. 2022.

DALA, Nuno Álvaro. *O Pensamento Político dos Jovens Revús: discurso e ação*. Lisboa: [s.n.], 2016.

D'ANGOLA, Nelson Sul. 12 ativistas do autodenominado Movimento Revolucionário detidos em Benguela já foram libertos. *DW-Deutsche Welle*, 4 abr. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/12-ativistas-do-autodenominado-movimento-revolucion%C3%A1rio-detidos-em-benguela-j%C3%A1-foram-libertos/a-19163390>. Acesso em: 11 abr. 2022.

DURÃO, Gustavo de Andrade. Intelectuais africanos e pan-africanismo: uma narrativa pós-colonial. *Revista Tempo e Argumento*, v. 10, n. 25, p. 212-242, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338159308026/html/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

EUA alertam para tráfico de seres humanos em Angola e Moçambique. *DW-Deutsche Welle*, 2 jul. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/eua-alertam-para-tr%C3%A1fico-de-seres-humanos-em-angola-e-mo%C3%A7ambique/a-58133225>. Acesso em: 11 abr. 2022.

FALTA de vergonha no bordel. *Jornal Folha 8*, 24 mai. 2019. Disponível em: <https://jornalf8.net/2019/falta-de-vergonha-no-bordel/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

HISTÓRICO do caso: Angola 15-2. *Frontline Defenders*. Disponível em: <https://www.frontlinedefenders.org/pt/case/case-history-angola-15>. Acesso em: 11 abr. 2022.

HWR. Relatório Mundial 2016: Angola, Eventos 2015. *Human Rights Watch*, 2016. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2016/country-chapters/285272>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ISSUFO, Nádía. Laurinda Gouveia e Rosa Conde passam a arguidas no processo dos ativistas angolanos. *DW-Deutsche Welle*, 1 set. 2015. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-002/laurinda-gouveia-e-rosa-conde-passam-a-arguidas-no-processo-dos-ativistas-angolanos/a-18688366>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ISSUZO, Frederico. Os Caminhos da Paz em Angola. *Angola Press*, 2 abr. 2021. Disponível em: <https://www.angop.ao/noticias/politica/os-caminhos-da-paz-em-angola/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

JOSÉ, Manuel. “Revús” completam 10 anos e dizem que a “luta continua”, em Angola. *VOA Português*, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/rev%C3%BAs-completam-10-anos-e-dizem-que-a-luta-continua-em-angola/5801872.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MAIS 30 anos de poder e o MPLA acaba com os analfabetos. *Jornal Folha 8*, 8 set. 2015. Disponível em: <https://jornalf8.net/2015/mais-30-anos-de-poder-e-o-mpla-acaba-com-os-analfabetos/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MORTALIDADE infantil em Angola passa dos 115 para 44 óbitos por cada mil nados vivos. *Observador*, 22 dez. 2016. Disponível em: <https://observador.pt/2016/12/22/mortalidade-infantil-em-angola-passa-dos-115-para-44-obitos-por-cada-mil-nados-vivos/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MUKUTA, Coque; FORTUNA, Cláudio. *Os Meandros das Manifestações em Angola*. Brasília: Kiron, 2016. v. 1.

REVÚS. *DW-Deutsche Welle*, 5 set. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/rev%C3%BAs/t-17424494>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SAMPAIO, Madalena. Luaty Beirão: o filho "ingrato" do regime angolano? *DW-Deutsche Welle*, 16 out. 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/luaty-beir%C3%A3o-o-filho-ingrato-do-regime-angolano/a-18787443>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SASEMBELE, Anastácio. Angola. Números sobre tráfico de crianças atingem proporções alarmantes. *Vatican News*, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/africa/news/2019-08/trafico-de-criancas-em-angola-atinge-proporcoes-assustadoras-re.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.

TAXA de mortalidade infantil em Angola deve baixar quase metade até 2050. *Saudemais.tv*, 26 set. 2019. Disponível em: <https://www.saudemais.tv/noticia/882-taxa-de-mortalidade-infantil-em-angola-deve-baixar-quase-metade-ate-2050>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SEBASTIÃO, André Kizua Monteiro. *O processo de paz em Angola: A Dimensão Internacional do Conflito Armado de Gbadolite à Luena*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora, 2015.

TRÁFICO e exploração de crianças em Angola. *Jornal Folha 8*, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://jornalf8.net/2021/trafico-e-exploracao-de-criancas-em-angola/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

ANGOLA faz esforços para combater tráfico humano, mas não cumpre os padrões mínimos, dizem EUA. *VOA Português*, 2 jul. 2021. Disponível em: <https://www.voportugues.com/a/angola-faz-esforços-para-combater-tráfico-de-seres-humanos-diz-o-departamento-de-estado-americano/5950906.html>. Acesso em: 11 abr. 2022.